

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A SICÍLIA E A CILÍCIA NA VIDA DE CÍCERO

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA
Universidade do Minho

Abstract

Rome has always been Cicero's land of election. He used to believe it was the only possible place where he could feel accomplished as a politician. However, apart from the time dedicated to his studies and his exile, there were two moments when he had to leave the city for more than a year: first, as a questor in Sicily; later, as the governor of Cilicia. The present study revisits these two places through the eyes of Arpinate.

Keywords: Caelius Rufus, exploitation of the provinces, Sicily, Cilicia, theft of works of art, *Verrines*.

Palavra-chave: Célio Rufo, Cícero, Cilícia, exploração das províncias, roubo de obras de arte, Sicília, *Verrinas*.

1. Introdução

Cícero não nasceu em Roma, mas Roma foi o centro da sua vida. Com reconhecida clarividência, ou puro instinto, sentia que só na capital do mundo podia desenvolver plenamente a sua actividade política, pois só aí lhe era possível ver e, acima de tudo, ser visto. E na verdade, à parte o tempo em que, ainda jovem, viajou até Atenas e Rodes para completar a sua formação, e ainda à parte o tempo em que foi forçado a seguir o caminho do exílio, apenas por duas vezes a vida lhe ditou a necessidade de deixar a Cidade: primeiramente, quando exerceu o cargo de questor na Sicília e, depois, quando se viu obrigado a partir como procônsul para a distante província romana da Cilícia, na Ásia Menor.

A presente comunicação pretende visitar, através das impressões do Arpinate, estes dois espaços tão ligados à sua vida.

2. Cícero e a Sicília

O primeiro cargo desempenhado fora de Roma por Cícero foi o de questor, no ano de 75, em Lilibeu (na Sicília). Esta província ficara, desde o final da primeira guerra púnica, sujeita ao pagamento de um tributo, uma espécie de dízima, estabelecida de acordo com a *lex Hieronica*, que a obrigava a enviar anualmente para Roma 10% da sua produção agrícola, e a vender ainda mais,

quando fosse necessário. Ao questor em exercício competia fixar o preço dos produtos.¹ No exercício do seu cargo, Cícero, além de assegurar o fornecimento e o transporte do cereal para a capital, negociou um preço justo e os Sicilianos agradeceram, reconhecidos. Por outro lado, fez chegar a Roma, num momento de grave crise de abastecimento, grandes quantidades de trigo, conseguindo, com esta medida, fazer baixar os preços. A sua actuação, considerada em ambos os casos meritória, acabaria por ter efeitos benéficos no seu prestígio posterior.

O Arpinate recorda esta primeira estada na Sicília num conhecido passo do discurso *Pro Plancio*, no qual relata um episódio sucedido quando regressava a Roma, no final do cargo: *Estava convencidíssimo de que o povo de Roma se iria desfazer em agradecimentos e louvores*. Todavia, ao chegar à estância balnear de Putéolos, no auge da época turística, ficou desconcertado quando alguém, desejoso de novas, lhe pergunta se acaba de chegar de Roma. Respondeu-lhe que regressava da sua província. “Pois claro”, retorquiu o interlocutor, “estiveste em África.” “Não”, observou Cícero, irritado, “estive na Sicília”. “Então não sabes que ele foi questor em Siracusa?”, acrescentou ainda outro. Que havia de fazer? *Destiti stomachari...*

Ainda jovem e muito ufano do seu cargo de questor em Lilibeu, Cícero pensava que em Roma não se falava de outra coisa a não ser da sua questura...

Data igualmente desta sua primeira estada na Sicília o episódio bem conhecido da descoberta do túmulo de Arquimedes de Siracusa, o famoso geómetra grego que morrera vítima do cerco de Marcelo à cidade siciliana. Referindo-se a este achado, no Livro V das *Tusculanas*, Cícero conclui com evidente orgulho:

*E assim a cidade mais ilustre da Grécia, outrora também a mais culta, teria ignorado o túmulo que conservava a memória do mais ilustre dos seus cidadãos se um indivíduo de Arpino o não tivesse dado a conhecer.*²

Mas a ocorrência mais indelevelmente ligada à vida de Cícero naquela província relaciona-se com o aristocrata Verres, o conhecido governador que, durante os três anos da sua propretura (de 73 a 71 a.C.), roubou, perseguiu, torturou e assassinou grande número de Sicilianos, por “amor” à arte.

Cícero deixara a província no ano de 74. Três anos mais tarde, os Sicilianos decidem apresentar queixa contra Verres e pedem o apoio do antigo questor como advogado de acusação. A forma como o orador ultrapassou as dificuldades e os impedimentos jurídicos que a defesa de Verres, liderada por Hortêncio, maquinou, foi insuperável e digna de registo (Everitt 2004: 99-104). Constituído acusador oficial de Verres, regressa à província, nos inícios

¹ Veja-se H. de la Ville de Mirmont 1960: VI-XI (Notice de J. Martha).

² Veja-se, sobre este episódio, V. S. Pereira 2005: 75-84.

do ano 70, para proceder a pesquisas e ao inquérito judicial, e reúne, em tempo recorde, as provas e os testemunhos que condenarão o governador.

Constituem principal fonte de referência sobre o desenrolar deste caso as *Verrinas*, nomeadamente a *actio secunda*, organizada em cinco discursos, dos quais os mais conhecidos são o *De signis* (com importantes registos dos tesouros artísticos da ilha) e o *De suppliciis* (sobre a crueldade desumana do pretor).³

As inquirições de Cícero e a sua pena acusatória revelaram uma realidade difícil de esquecer: a Sicília viu-se espoliada, ao longo dos três anos da propretura de Verres, do seu incomparável património cultural, histórico e religioso. Para que não restassem quaisquer dúvidas, o orador coloca diante do leitor, de modo sistemático (e retórico), duas Sicílias: a Sicília antes da pretura de Verres (*ante Verrem praetorem*) e a Sicília depois de Verres. O *De sign.* 132 é bastante sintomático a esse respeito. Pela sua riqueza artística, a Sicília era um verdadeiro museu a céu aberto. Ora naquele passo o orador assevera que os guias de então (os chamados *mystagogoi*, ou *periegetai*) tinham alterado a sua forma de mostrar aos visitantes e turistas os objectos de arte; anteriormente, davam a ver o lugar de cada peça e a própria peça; agora assinalam o lugar donde a mesma foi levada (roubada)...

Em dado passo (*De sign.* 74), falando da Sicília artística antes de Verres, Cícero lembra como, durante a sua questura, os Sicilianos o levaram a ver em primeiro lugar, por ser objecto de grande reverência local, a célebre estátua de bronze de Diana, em Segesta, que, roubada pelos Cartagineses, fora devolvida à cidade, no final da terceira guerra púnica, pelo jovem Cipião Africano, com grande contentamento do povo.⁴ Quatro anos depois, viu uma Sicília arruinada e votada ao abandono, como se tivesse sido vítima de uma guerra (*De frum.* 47):

Quando, quatro anos depois, regresssei à Sicília, pareceu-me tão afectada quanto costumam estar aquelas terras que foram vítimas de uma feroz e contínua guerra. Os campos e as colinas que eu vira, antes, tão cuidados e verdejantes, via-os agora de tal forma devastados e abandonados, que o próprio campo parecia sentir a falta de um cultivador e chorar o seu senhor.

O passo acabado de transcrever aproxima-se de outros que representam as continuadas pilhagens de Verres através de impressionantes imagens de guerra. Assim, os roubos praticados em Haluntium (§§ 51-52) são retratados desta forma: era tal o vaivém de quantos carregavam objectos de arte, que *quem presenciasse a cena, diria que o cavalo de Tróia tinha entrado na cidade e que ela fora destruída*.⁵

Ao saque somava-se o sacrilégio. Verres não recuava perante nada e decorou a sua própria residência com estátuas retiradas dos templos. Como regista

³ Recorde-se que os discursos da *secunda actio* não chegaram a ser proferidos em tribunal, dado que o réu se exilou na sequência da *prima actio*.

⁴ Sobre a pilhagem de obras de arte gregas pelos vencedores romanos (como Marcelo ou Mémio) e a sua devolução, veja-se, entre outros, J.-L. Ferrary 1988: 573-588.

⁵ Outras imagens de guerra podem ver-se, por exemplo, em *De suppliciis* 28, a respeito dos festins e da luxúria a que o propretor se entregava em Siracusa, comparados à batalha de Canas do deboche: *ut quiuis cum aspexisset, non ut se praetoris conuiuuium, sed ut Cannensem pugnam ne-*

Pollitt (1998:67), Cícero viu na casa do governador (na Sicília), quando lá se dirigiu a investigar o caso, duas belíssimas estátuas pertencentes ao templo de Hera em Samos e que agora ornamentavam o implúvio da casa: *as duas estátuas que agora estão sós no átrio, abandonadas pelas outras estátuas, aguardam um comprador de bens confiscados.*

De todos os discursos das *Verrinas*, é sobretudo no *De signis* que a veemente denúncia dos roubos é servida por uma contundente veia irónica. Ficaram célebres alguns dos seus ditos espirituosos, caricaturas, jogos de palavras, hipérbolos, tiradas verrinosas, em suma, tudo quanto caracteriza o humor ciceroniano, posto ao serviço de uma causa: mostrar a mania artística e a rapacidade de Verres. Como afirma em citadíssimo passo (*Sign.* 53), o que Verres fez na Sicília, roubando tudo e todos, foi um verdadeiro *euerriculum*, isto é, uma autêntica “varridela”!⁶

Em boa verdade, nem tudo levou o governador. Numa das suas acções, invadiu o sacrário de um particular (o mamertino C. Heius) e de lá retirou todas as estátuas que o ornamentavam, confeccionadas em mármore do maior valor, deixando apenas uma, tosca, de madeira, muito antiga, a estátua da *Bona Fortuna* (§ 7): *Éam iste habere domi suae noluit* (*A essa o réu não a quis ter em casa*), comenta o orador, com estudada ironia. E assim denegriu a figura do réu.

À parte momentos como estes, de sabor anedótico, que contribuem para aligeirar a eventual monotonia resultante do relato continuado, repetitivo quase, de tantos desmandos perpetrados pelo famoso propretor,⁷ as *Verrinas* fornecem preciosa informação sobre os abusos da administração provincial de Roma – que tão responsável foi pela imagem negativa do imperialismo romano –, sobre a história da arte e sobre os roubos de obras de arte na Antiguidade. A peroração do *De suppliciis* – que funciona igualmente como o fecho majestoso das *Verrinas* –, é brilhante a este respeito. Apostado em produzir um grande efeito patético, o orador termina o seu libelo acusatório invocando a protecção dos deuses, não para proteger o réu, como era costume, mas sim para atingir o acusado. Invoca então todos os deuses que foram pilhados e ultrajados por Verres e pelos seus homens de mão. A lista é quase interminável...

3. Cícero e a Cilícia

Em virtude da *Lex Iulia de provinciis*, que, para evitar situações de clara corrupção eleitoral, requeria um mínimo de cinco anos desde o termo do exercício de uma magistratura antes que um ex-magistrado pudesse exercer o

quittiae uidere arbitraretur.

⁶ Um outro trocadilho digno de nota: no *De iurisdictione Siciliae* 154, Cícero regista que há no fórum de Siracusa uma estátua do filho de Verres, de pé e nu, e uma outra do próprio Verres, que, “do alto do seu cavalo contempla a província que ele pôs a nu”.

⁷ O próprio orador se preocupa (retoricamente?) desta monotonia, como se vê em *Frum.* 10 e 103 (Catherine Steel 2007: 37).

cargo de governador de uma província, Cícero teve de ir para a Cilícia, se bem que a contragosto, como procônsul.

Acompanhavam-no o irmão Quinto, que dera provas de grande capacidade no governo da província da Ásia, o filho e o sobrinho, e ainda o staff de apoio necessário ao exercício das funções que o aguardavam, bem como escravos seus de confiança, como Tirão. Em Roma ficava Célio Rufo, um jovem amigo que se encarregaria de lhe enviar, com pontualidade e espírito criticamente divertido, as últimas novidades que surgiam a cada passo.⁸

A rota seguida pelo Arpinate a caminho da Cilícia é fácil de traçar, graças às contínuas cartas enviadas durante a viagem a familiares e amigos.⁹ Deixou Roma a 1 de Maio de 51 e chegou à província, entrando por Laodiceia, a 31 de Julho.¹⁰ Deixá-la-á exactamente um ano depois, a 30 de Julho de 50. Durante este tempo, dois pesadelos o atormentaram: a eventualidade de ser atacado pelos Partos e a hipótese de ver prolongado o exercício do cargo para lá de um ano (Chr. Habicht 1990:60). E é, de facto, sem entusiasmo que toma conta da província, pois o cargo forçou-o a ausentar-se de Roma justamente quando mais queria estar lá, no âmago da agitação política. Sente falta do ambiente que se vive na capital do mundo, verdadeiro “lugar de glória”:

*Em suma, não é isto que me falta: a ribalta, o fórum, a cidade, a minha casa, todos vós, é isto que me falta.*¹¹

Dirá na mesma carta que não tenciona prolongar o seu proconsulado por mais de um ano e começa desde logo a pressionar os amigos, pedindo a todos, com insistência, que tudo façam para não ter de permanecer na província mais tempo do que o estritamente necessário. E a insistência é tanta que chega a ser deselegante (*Att.* 5.18.3): *Sed turpe est me pluribus uerbis agere tecum.*

Sobre o desempenho de Cícero como governador desta província romana, as opiniões divergem. A. Everitt (2004: 222) escreveu:

Apesar da sua irritação, Cícero mostrou-se à altura do desafio e demonstrou que, tal como durante a sua questura na Sicília, muitos anos antes, era um administrador capaz, dedicado e justo.

Outros críticos, na esteira de Mommsen, desvalorizam o real empenhamento do procônsul no exercício do seu cargo, asseverando que o fez mais preocupado com a fama e prestígio do que com o interesse dos seus administrados. Mas

⁸ Sobre este jovem Célio Rufo, leia-se G. Boissier 1976: 211-276.

⁹ Um ‘calendário’ com as etapas da viagem de Cícero, intitulado “Travel in the Roman Empire: Cicero’s Administration of Cilicia (51/50 B.C.)”, da autoria de John Paul Adams, pode ver-se em: www.csun.edu/~hcf11004/travel.html

¹⁰ Em *Att.* 5.15.1 pede ao amigo que assinale esta data (31 de Julho de 51) como o início do seu proconsulado.

¹¹ *Att.* 5.11.1. Sobre as saudades de Roma e o desejo da *lux rei publicae* por parte de Cícero, veja-se M.-J. Kardos 1997: 163-164 e passim.

as cartas desse período revelam uma real preocupação com os problemas que afectavam os habitantes da província, desde sempre cruelmente explorados por governadores ou investidores sem escrúpulos (Chr. Habicht 1990: 60-61 e nota 29).

Quando partiu para a província, Cícero levava já na bagagem alguma experiência e também um conhecimento reflectido sobre o que deveria fazer um governador romano. Por experiência, fora já um escrupuloso questor e sabia o mal que a administração de Verres fizera à Sicília; do ponto de vista da sua preparação teórica, igualmente, porque cerca de dez anos antes, em 60 a.C., quando o irmão Quinto viu prorrogado o seu cargo de procônsul da Ásia, Cícero lhe fornecera indicações sobre o que entendia ser um bom governador. Como então defendia (*Ad Quint.* 1.1.24), acreditava que “todos os esforços dos administradores devem tender a que os seus administrados sejam tão felizes quanto possível [...]”.

Quando proferiu a *Pro lege Manilia*, o discurso em defesa da atribuição a Pompeu do comando do exército na Ásia, por mais de uma vez o orador lembrou a má reputação de que sofriam os Romanos em resultado das pilhagens e da rapacidade dos seus governadores, militares e cobradores de impostos. Na sua opinião, o ódio que os povos estrangeiros nutrem pelos romanos é resultado “da cobiça e das injustiças daqueles que nós enviámos para estes países com um comando, nestes últimos anos” (§ 65).

Conhecedor do que o anterior governador fizera na Cilícia, distanciou-se dessa prática. Em *Att.* 5.16.2, descreve a forma entusiasta como ele e os seus colaboradores têm sido recebidos, pelo facto de terem prescindido de todas as benesses que o exercício do cargo rendia.¹² Comunica então ao amigo, em tom um tanto ambíguo, talvez irónico:

Por isso de todos os campos, de todas as aldeias ou casas as pessoas acorrem ao meu encontro com uma afluência incrível. Palavra! A nossa chegada provocou uma autêntica ressurreição da justiça, da contenção, da clemência, por parte do teu amigo Cícero, e a coisa ultrapassou a expectativa de todos.

O caso das panteras é igualmente demonstrativo desta preocupação em administrar a província com equidade e justiça. O amigo e informador Célio dirigira-lhe cartas reiteradas a pedir que lhe conseguisse os referidos animais, pois pretendia realizar jogos dignos de louvor durante a sua

¹² As populações tinham o hábito, ou a obrigação, de fazer despesas para sustentar o governador e a sua comitiva, algo que Cícero rejeitou. Apesar disso, não perdeu dinheiro. Como C. Steel observa 2007: 47, n. 23: “Famously, Cícero himself accumulated 2.200.000 sesterces by the end of his governorship of Cilicia ‘saluis legibus’ (*Fam.* 5.20.9)”.

edilidade.¹³ Aos pedidos de Célio, o orador respondeu, com graça e ironia (*Fam.* 2.11.2):

Quanto às panteras, os caçadores profissionais estão a tratar do assunto, por recomendação minha. Mas a escassez do produto é espantosa e aquelas de que dispomos queixam-se amargamente, ao que se diz, por serem os únicos seres da minha província vítimas de perseguição. Por isso, consta que decidiram sair da província e foram para a Cária.

Cícero, que tinha perfeita consciência de que o mau governo trazia graves prejuízos aos interesses do estado romano, não estava na disposição de atender a tal pedido. Encontrara a província em triste estado, o exército desmoralizado, os provinciais pressionados e a reclamar justiça (Grimal 1993: 283). Por isso, tudo fez para se demarcar da administração anterior, de Ápio Cláudio Pulcro (irmão do famigerado Clódio), que praticamente levou à falência os contribuintes locais (*Att.* 5. 15 e 5.16).

Do ponto de vista militar, o procônsul teve de enfrentar e conter a ameaça dos Partos, mas a força bélica de que dispunha era exígua, tanto mais que o antecessor lhe sonegara três coortes (*Fam.* 3.6). A Cilícia era uma província extensa e, durante o governo de Cícero (F. R. Cowell: 368), “acompanharam-no duas legiões e uns modestos oito milhões de sestércios para despesas.” Todavia, antecipando-se a um provável ataque dos Partos, conseguiu deter uma pequena incursão e veio mesmo a gabar-se de, com a sua presença militar por perto, ter dado confiança a Cássio Longino, que então governava a Síria, para atacar o inimigo e defender a província.

Ainda neste campo, Cícero granjeou fama como general numa campanha punitiva contra os Cilicianos livres (os *Eleutherocilices*, como se lê em *Att.* 5.20.5), tribos que viviam nas montanhas e não reconheciam a soberania de Roma, tendo mesmo sido aclamado *imperator* pelos seus soldados (Everitt 2004: 229). Com alguma presunção, chegou a pensar que o Senado faria acções de graças solenes e lhe concederia o Triunfo, ou ao menos uma Ovação, em reconhecimento dos seus sucessos militares, mas tal não veio a acontecer (F. R. Cowell, p. 369), talvez porque o tempo para o fazer coincidiu com o início do ano de 49, quando teve começo a guerra civil entre César e Pompeu.

O relato dessa campanha, exarado na citada carta a Ático em registo auto-irónico e humorístico (5.20), é bem ilustrativo do seu regozijo pela façanha:

Aqui [sc. nos montes Amanos], a 13 de Outubro, infligimos grandes baixas ao inimigo: conquistámos e incendiámos locais militarmente muito bem protegidos, assumindo Promptino o comando durante a noite e eu durante a manhã. Saudaram-me como imperator. Estivemos alguns dias acampados perto de Isso, no exacto local onde Alexandre, imperator haud paulo

¹³ *Fam.* 8.4.5: *Item de pantheris, ut Cibyratas accersas curesque ut mihi uebantur.* Esta carta, de Célio a Cícero, está datada de 1 de Agosto de 51. Célio volta ao assunto na carta *Fam.* 8.9.3.

*melior quam aut tu aut ego, um general consideravelmente melhor do que tu ou eu, atacou Dario.*¹⁴

Nesta campanha, Cícero atacou e cercou Pindenisso, a praça-forte dos rebeldes, tendo-se estes rendido nas Saturnais, a 17 de Dezembro. Ao narrar o acontecimento (*Fam.* 5.20), Cícero lamenta, de forma irónica, não ter conseguido a vitória sobre uma cidade que ostentasse um nome de retumbante prestígio como a Etólia ou a Macedónia...¹⁵

No capítulo da administração da justiça, da qual muito se orgulhava, o governador sublinha o seu zelo em muitas das cartas da Cilícia,¹⁶ pois sempre se empenhou em tratar com equilíbrio as tensões entre as partes envolvidas. No tocante à cobrança de impostos – matéria sempre difícil de solucionar – conseguiu, com equilibrado sentido de justiça, contentar não apenas os contribuintes mas também os publicanos.¹⁷

No final de um ano assim preenchido, Cícero deu por concluído o exercício do seu cargo de governador da Cilícia no verão do ano 50, nem um dia mais além do tempo a que estava obrigado. Chegou a Brundísio nos finais de Novembro, depois de se deter um pouco em Rodes e Atenas. A sua mulher, Terência, foi ao seu encontro na praça do mercado.

Estes e outros dados relativos ao governo da Cilícia têm apenas uma fonte de informação: as cartas que, durante o tempo do exercício do cargo, Cícero trocou com amigos como Célio ou Ático, ou com figuras de relevo da política militar como M. Catão, ou Cássio, ou o tribuno C. Curião.

4. Conclusão

A Sicília e a Cilícia. Que imagem nos ficou destes espaços e paisagens?

Contrariamente ao que supúnhamos de início, Cícero apresenta-se pouco preocupado em descrever o que viu durante as suas deslocações pela província. “Desterrado” num longínquo lugar de que poucos ouviram falar, a Cilícia, os seus interesses estão dirigidos para a narração dos factos e dos problemas que teve de enfrentar, não para a descrição dos lugares. O mesmo se verificou com os textos referentes à pretura da Sicília e ao caso Verres, apesar das visitas a tantas

¹⁴ Em *Fam.* 15.4, Cícero pede a Marco Catão que junto do Senado favoreça a sua pretensão de ver-lhe concedido o louro da glória e o triunfo. Idêntico pedido ocorre na carta *Fam.* 15.10, dirigida a C. Marcellus, cônsul, ou na carta *Fam.* 15.13, ao cônsul L. Paulo.

¹⁵ “*Qui, malum! Isti Pindenissitae qui sunt?*” inquires, “*nomen audiui numquam.*” *Quid ego faciam? Non potui Ciliciam Aetoliam aut Macedoniam reddere.*

¹⁶ Veja-se, por exemplo, *Fam.* 15.4.1, a Marco Catão. Sobre esta carta, e os seus dotes narrativos, ver G. O. Hutchinson 2002: 86-107.

¹⁷ A. Everitt 2004: 232-233 lembra como Marco Bruto, que fazia figura de homem impoluto e austero, emprestara grandes somas de dinheiro ao juro elevadíssimo e ilegal de 4% ao mês. Bruto, que além do mais era senador e, por isso, estava impedido de emprestar dinheiro a juros, enfrentou dificuldades em receber o empréstimo e recorreu à ajuda de Cícero, que foi dilatando a solução e não agiu com a clareza necessária, ao que parece.

idades e a tantos espaços de arte. Num caso como noutro, Cícero revelou-se, isso sim, um exímio narrador. Mas não era este o objectivo da comunicação.

Bibliografia

- G. Boissier (1976), *Cicéron et ses amis. Étude sur la société romaine du temps de César*. Hildesheim – New York, Georg Olms [1865]
- F. R. Cowell (s.d.), *Cícero e a República Romana*. Trad. de Maria Helena Albarran de Carvalho. Lisboa, Editora Ulisseia.
- A. Everitt (2004), *Cícero: uma vida*. Trad. de Maria José Figueiredo. Lisboa, Quetzal Editores.
- J.-L. Ferrary (1988), *Philhellénisme et impérialisme. Aspects idéologiques de la conquête romaine du monde hellénistique*. École Française de Rome, Palais Farnèse.
- P. Grimal (1993), *Cicéron*. Paris, Fayard.
- Chr. Habicht (1990), *Cicero the Politician*. Baltimore and London, The John Hopkins University Press.
- G. O. Hutchinson (2002), *Cicero's Correspondence*. Oxford, Clarendon Press.
- M.-J. Kardos (1997), *Lieux et lumière de Rome chez Cicéron*. Paris – Montréal, L'Harmattan.
- V. S. Pereira (2005), “Cícero e a descoberta do túmulo de Arquimedes”, *Boletim de Estudos Clássicos* 44 75-84.
- J. J. Pollitt (1998), *The art of Rome (c. 753 b.C. – a.D. 337). Sources and documents*. Cambridge, Cambridge University Press.
- C. Steel (2007), “The Rhetoric of the *De frumento*”, in J. R. W. Prag (ed.), *Sicilia Nutrix Plebis Romanae. Rhetoric, Law and Taxation in Cicero's Verrines*. London, University of London, 37-48.